

Director literario:  
*Alfredo Pina*  
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:  
*Eduardo Colla*  
 PAPUSSE



**A** UM reino, perdido entre serranias, havia um rei muito bom e justiceiro que era o idolo do seu povo. Tinha dois filhos que eram o seu encanto, toda a sua alegria. O principe João parecia ter herdado todas as excelentes qualidades de seu velho pai, enquanto que, a princesa Cremilda possuia a vivacidade e beleza de sua mãe, a falecida rainha Eladia. Era João louco pela caça e só se sentia feliz quando, seguido de seus cães, se internava nas frondosas florestas, em busca de caça.

Certo dia, em que, entusiasmado, perseguia uma soberba peça de caça o cavalo tropeçou, e o corpo do principe rolou

## A Duqueza Ema

Por Alda Pina — Des. de Ed. Malta

para um abismo pavoroso. Felizmente o fato prendera-se-lhe numa saliência do rochedo, evitando que ele se despedaçasse no fundo do abismo, sobre o qual ficou suspenso. Aos seus gritos aflitivos, acudiu um outro caçador, que se encontrava perto, e que com muitos esforços e perigos conseguiu salvar o principe, que desmaiara. Ao despertar, este, achou-se deitado sobre um divan, num aposento sumptuosamente mobilado. Junto da janela, e como que aureolado pelo sol, estava uma encantadora menina. O seu rosto moreno, os olhos escuros, a boca semelhante a um apetitoso morango e os cabelos finos e bastos, tudo isto formava um

conjunto delicioso. O seu corpo era tão delicado que mais parecia pertencer a uma visão celestial do que a uma mulher. João não desviava os olhos encantados daquela figura de sonho.

Ao vê-lo despertar, ela, sentou-se junto dele, numa rima de almofadas, e na sua voz cantante, contou-lhe o sucedido, visto êle de nada se recordar. Seu irmão, o duque Manuel, fôra avisar o rei do sucedido e não devia tardar. Nisto um ruído de passos precipitados veio interrompê-lo e o rei, pai de João, entrou na quadra, seguido da princesa Cremilda

e bem sabes que não podemos voltar com a nossa palavra atrás.

Cheio de desespero o príncipe foi para os seus aposentos. Manuel, que cheio de alegria lhe foi contar que o rei consentia no seu enlace com a princesa Cremilda; foi encontra-lo lavado em lágrimas. Passados dois mezes realizou-se o casamento da bela Cremilda com o duque e, como era natural, a princesa Cintia também se apresentou no palácio acompanhada da rainha, sua mãe, e de numeroso séquito. Ora na corte havia muitas damas que invejavam



e do duque Manuel. Tanto este como sua irmã não eram, como se vê, pobres ou da plebe, mas sim muito ricos e nobres. O pai deles, já falecido, caíra no desagrado do rei, que o desleixara para aquele castelo, onde Ema e Manuel se tinham criado sem que jamais fôsem à corte. Mas, como o velho duque morrera, e o filho tinha salvo o príncipe o rei concedeu-lhes o perdão, rogando-lhes que fossem habitar o palácio real. Os dois irmãos a princípio vacilaram, mas João perdidamente enamorado da linda Ema, tanto rogou que Manuel cedeu, não só por isso, como por uma muda supplica que lera nos ardentes olhos da princesa Cremilda. Partiram todos. Durante oito dias houve deslumbrantes festas em sinal de rigosijo pelo salvamento de João. Este e Manuel mal ouviam as frases lisonjeiras dos cortesãos, porque para êles só existia nos imensos salões Ema e Cremilda, cuja beleza estonteante fazia palidecer de inveja as belezas da corte. Certo dia João supplicou ao rei que lhe permitisse desposar a formosa Ema.

— Meu filho, respondeu o rei, o amor cega-te. Bem sabes que empenhamos a palavra com o rei das Montanhas Negras, nosso aliado, de que casarias com a princesa Cintia



a esplendida beleza de Ema, e uma delas, a baroneza Zilda, fêz saber à princesa Cintia a paixão que unia João e Ema; Cintia era formosa, com os seus cabelos de ouro e os seus olhos de pervinca, mas não se podia comparar com a linda duqueza. Como tinha de confessar isto a si própria, enchia-se de raiva e inveja. Foi ter com sua mãe, a rainha Zelinda, a quem contou o seu desespero. Zelinda era muito má e também feiticeira. Disse à filha que se não affligisse, que ela arredaria a duqueza Ema do seu caminho. Alta noite, Zelinda, foi à alcova de Ema, e tocando-lhe com uma varinha, deu-lhe a fórma de uma pequena leão. Rindo-se, a velha rainha, sibilou por entre dentes:

— Agora só poderás voltar à tua fórma natural quando uma jovem, boa e formosa, te aconchegar ao seio. Desafio-te, formosa duqueza, a que tal consigas.

No dia seguinte ia grande alvoroço no palácio, pois ninguém podia explicar o desaparecimento de Ema. O príncipe caiu gravemente enfermo. Manuel e Cremilda andavam em viagem de nupcias e de nada sabiam. Zelinda e Cintia rejubilavam. Foi-se passando o tempo e Ema não aparecia. O rei das Montanhas Negras morreu, e a viuva resolveu casar Cintia, o mais breve possível. O pai de João, que se sentia velho, rogou ao filho que cedesse, pois não queria morrer sem deixar herdeiros ao trono. Cheio de amargura, o príncipe aceitou. Marcou-se o dia do casamento. Dias antes já a rainha Zelinda e sua filha, se achavam na corte. Ora, perto do palácio, havia uma floresta e nessa floresta uma casinha muito limpa e bonita onde viviam uma velhinha e sua neta, uma adorável loirita, que o povo chamava a Fada da Floresta. Na véspera do casamento do príncipe com Cintia, á noite, a avó fiava e a neta tratava da ceia, enquanto elevava a voz melodiosa, numa canção dolente. Subito um enorme cão, que dormia junto da porta, começou a ladrar furiosamente.

— Sabandja, disse a avózinha, vai ver o que é.

Sabandja abriu a porta e soltou um leve grito. Junto da porta debatia-se na agonia uma pequenina leão! Sabandja era uma exímia caçadora e uma domadora deveras audaciosa, e ao ver o animalzinho moribundo, afastou o cão, e reentrou em casa, levando nos braços a leão. A avózinha soltou uma exclamação de susto, porem a jovem tranquilizou-a. Sabandja tentou reanimar a leãozinha e para isso,

sentou-se junto do lume, apertando brandamente o animal contra o seio. Mal a apertou, saiu-lhe dos lábios um grito, ao ver a leoa transformar-se numa donzela de rara formosura. Ema, pois que era ela, abraçou-as muito contente, suplicando-lhes que a levassem ao palácio real. Sabandja acompanhou-a. Chegaram sem ser vistas, ao gabinete do

rei, que se achava acompanhado de Zelinda, Cintia e João. Grande foi a surpresa ao verem surgir, como por encanto, a figura celestial da duquezinha. A jovem contou tudo. Cintia e sua mãe estoíram de raiva. João e Ema casaram e foram muito felizes. Sabandja e sua avó vivem no palácio real onde são felicíssimas.

F I M

ADIVINHAS

- Qual é a cidade portuguesa que anda no nariz do cão?
- Qual é o rio português que tem o nome de uma fruta?
- Qual é a terra portuguesa que frita ovos?
- Qual é a cidade da Europa que se bebe?
- Qual é o rio português de que a mulher gosta mais?
- Qual é a nação que divide o mundo em duas partes iguais?
- Qual é o rio português que é uma flor?

Arnaldo Seabra de Mascarenhas  
(14 anos)

ANEDOTA

Todos admiravam o café do Senhor Cura. Importunavam-no pelo segredo.

— José, disse êle ao criado, explica a êstes senhores, como fazes o café, que êles querem saber.

— Eu trago água a ferver e deito uma colher de café para dentro das suas meias...

— Ah ladrão, porco, que te arreberto. Dentro das meias?

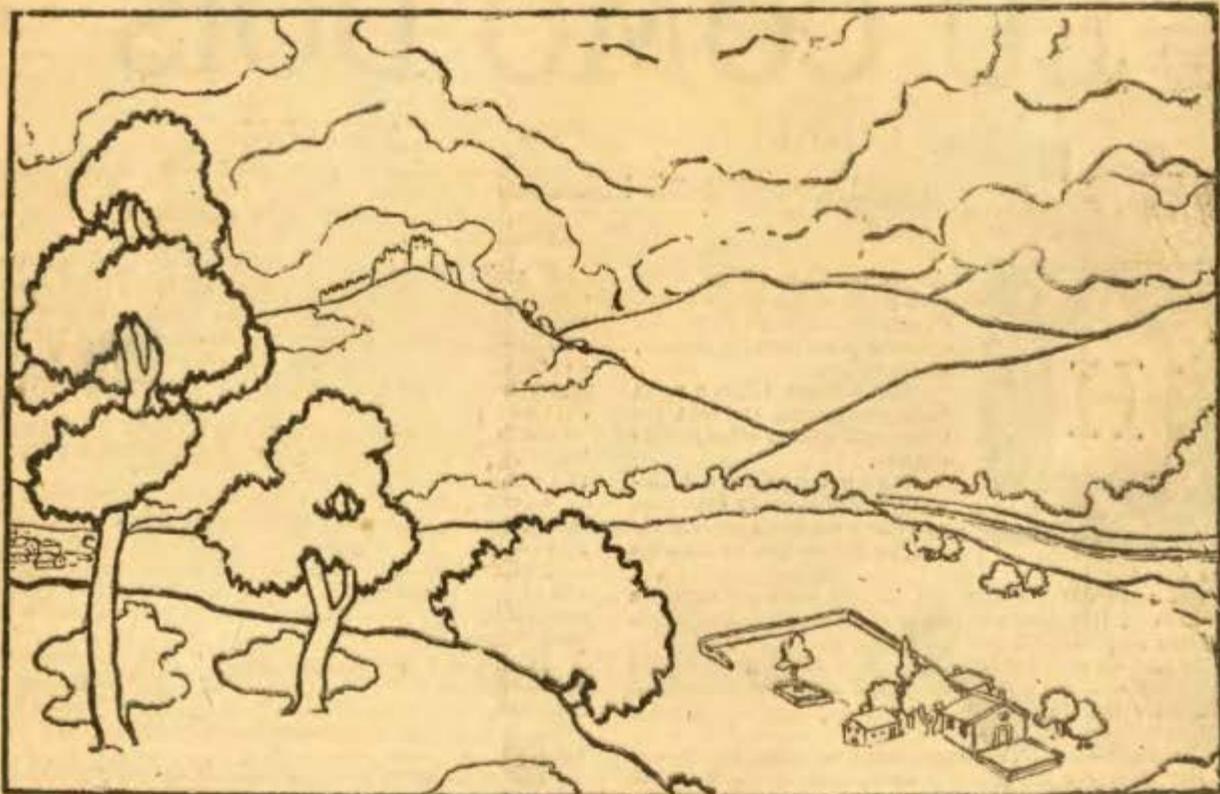
— Senhor, eu não estrago as meias limpas; eu sempre deito para as meias que vão para a lavadeira.

Palavras cruzadas (Solução)

M	A	R	T	E	L	O	L	Ã	C	Ã	I	O	S		
A		I	M	O	E		R	E	U				A		
R		A	R	A	B	E		A	M	U	R	A	C		
M	A	C	A		O			A		A	T	R	O		
E	M	A			V							R	O	L	
L	A	D	O		M	O	R	R	E		R	O	L	A	
O		E	R	I	O		A	N	O		S	S			
	A		R			T				E					
A	A		P	A	I		E	R	A		A		A		
R	A	T	O		R	Ã	B	I	A		A	T	A	R	
A	T	O			S		A				U	B	A		
B	O	A	S		B					A	T	R	A	I	
I			R	A	D	I	O		A	D	O	R	A	C	
C			I	A	S			D		T	R	A		A	
O	C	O	R	R	E	R			A	R	A	I	C	A	S

MANUEL CABRAL CALNET DE MAGALHÃES

PARA OS MENINOS COLORIREM



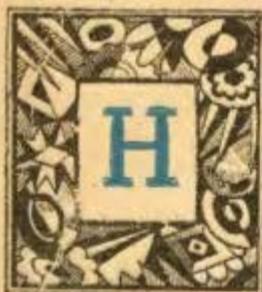


# EU COMO DOIS

POR ANTONIO DE MELO DA COSTA CABRAL

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

(Ao Carlitos)



A já muitos anos viviam numa casa muito velha, muito velha, numa aldeiazinha da Beira Alta, dois velhinhos também já muito, muito velhos.

Não tinham filhos e a sua única companhia era uma galinha que punha todos os dias um ovo.

Eram muito pobres os velhinhos e vendiam os ovos para comprar o azeite em que molhavam as batatas que os vizinhos

lhes davam.

Ora num dia em que não tinham nada que comer, e havendo já três dias que não vendiam os ovos, a velhinha resolveu cosê-los para esse dia jantarem.

Apesar da sua já muita idade eram invejosos os pobres velhinhos e quando iam começar a sua refeição, ambos queriam comer dois ovos.

Chamava-se a velhinha Alípiã e o velhinho Alípio.

Dizia ele:—Alípiã, eu como dois e tu comes um.

Responde ela zangada:—quem come dois sou eu e tu é que comes um.

E assim continuaram a questionar, eu como dois e tu comes um e torna que tu comes um e eu como dois, e tanto se zangaram que principiam a bater um no outro.

Depois de muito baterem, o velhinho deu uma pancada na cabeça da velhinha que, por ser muito velha e ser já muito fraca, perdeu os sentidos e ficou como morta estendida no chão.

Muito aflito e a chorar muito, o velhinho foi chamar o barbeiro da terra, que era quem fazia de médico, para ver se a sua Alípiã estava morta.

Veiu a correr o barbeiro, que depois de examinar a velhinha declarou que tinha morrido e mandou o pobre velhinho chamar o senhor prior para tratarem do enterro.

Nesse tempo, que já foi ha muitos, muitos anos, assim que alguém morria enterravam-na logo, e acontecia ás vezes enterrarem gente viva, a quem tinha dado um ataque e que parecia morta.

Enquanto o senhor prior tocava o sino para o enterro, as visinhas da velhinha vestiram-lhe uma saia que lhe deram para fazer a sua ultima viagem e puzeram-na num esquife em que quatro homens a deviam levar para o cemiterio.

Veiu o senhor prior, acompanhado de muita gente, para levarem a velhinha e o velhinho chorava tanto, tanto que

não se lembrava já dos ovos e só tinha pena da velhinha, estando arrependidíssimo do que fizera.

Depois do senhor prior rezar, os quatro homens pegaram no esquite aos ombros e lá levaram a pobre velhinha aos solavancos.

Quando iam a passar numa rua muito estreita, íngreme e tão húmida e fria que até lhe chamavam a quelha do caramelo por a água aí gelar no inverno, um dos homens escorregou no gelo e o esquite ia caindo ao chão.

Mas assim que o homem se endireitou, a velhinha, que tinha um dos tais ataques, recuperou os sentidos e mostrando não esquecer os ovos, julgando que estava em casa a questionar com o companheiro, sentou-se no esquite e berrou com toda a força dos seus pulmões: «Eu como dois!»

A gente que a acompanhava, que era muito ignorante, julgou tratar-se duma alma do outro mundo e, pernas para que vos quero, fugiu doida de medo e até os homens deixaram cair o esquite ao chão para fugirem. E o senhor prior também fugiu deixando sózinha a *morta viva* como depois lhe chamavam na aldeia.

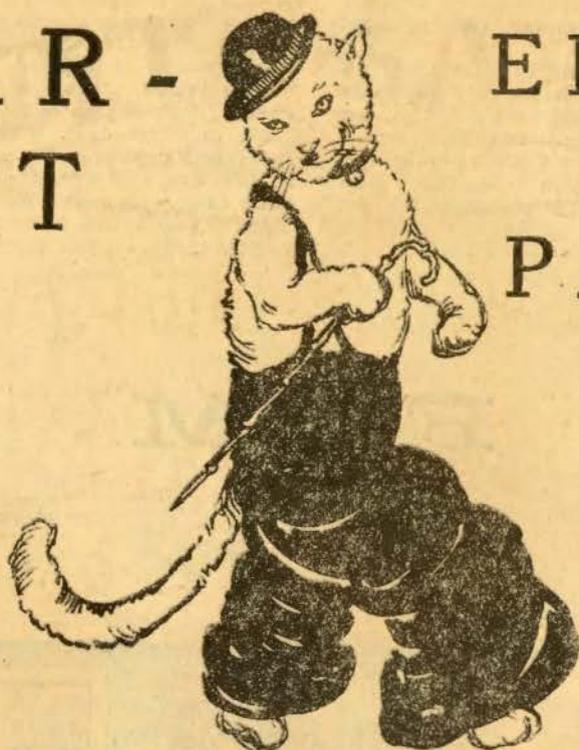
A velhinha, passado o susto, que também não foi pequeno, dirigiu-se para casa e foi encontrar o velhinho chorando cada vez mais. O velhinho, ao vê-la, também quis fugir, mas depois de ter a certeza que realmente era sua mulher viva e sã que ali estava, partiu um ovo ao meio e tanto comeu um como o outro. E daí em diante, quando tinham só uma batata, comia cada um metade, e nunca mais tiveram inveja e ainda viveram muitos anos.

■ F I M ■



CHAR-  
LOT

P  
O  
R



EDUAR-  
DO  
PACHE-  
CO

NÃO sei se já sabem...  
se já lhes constou,  
que eu tenho um gatinho  
chamado Charlot.

E que esse gatinho  
— amor das gatitas —  
faz muitas gracinhas  
mas nunca fez fitas.

Seu colete branco,  
na coleira um guiso,  
conversa comigo  
com todo o juízo.

Na meza a meu lado,  
sentado, com tino,  
meu gato Charlot  
parece um menino.

Ressona de inverno,  
ressona de v'rão,  
é gato que leva  
a vida de cão.

Não é ente humano  
de instintos perversos  
e nunca faz prosa  
e nunca fez versos.

Se às vezes arranha  
— o que é natural —  
é porque tem unhas  
mas não é por mal.

Que eterno rom-rom!  
Que doce miau!  
A vida para ele  
é um carapau.

Seus olhos da cor  
das belas turquezas  
parecem de noite  
lanternas acesas.

Nas patas rosadas,  
soberbo se empina,  
que escravos não houve  
na raça felina.

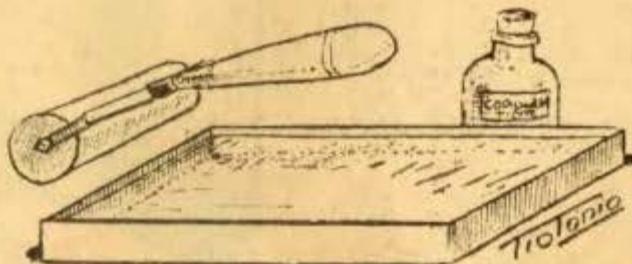
É manso, bondoso,  
é inteligente.  
Ai vale bem mais  
do que muita gente!

E agora já sabem,  
pois já lhes constou,  
que eu tenho um gatinho  
chamado Charlot.

F I M

# HORA DO RECREIO

## UM COPIOGRAFO



Caros «Sobrinhos»:

COMO SE PREPARA O COPIÓGRAFO

Estou certo que não existe aldeiasita em que *O Seculo* apareça, onde não haja vontade da parte dos seus leitores, de fazer um jornal colaborado por todos.

Manuscrito, é uma massada, que leva imenso tempo, não compensando o trabalho que se tem.

Impresso, é muito caro, com gravuras, etc., e, satisfazendo a vontade de bastantes *sobrinhos*, vou ensinar a maneira de fazer 50 a 100 exemplares, em meia duzia de horas e com o minimo de dispendio, com o auxilio de um copiografo rudimentar.

### MATERIAL

— Um taboleiro de folha ou *cavete* de louça, com as dimensões da folha do jornal.

— Um rolo de borracha como a gravura indica, que pode ser substituido pelos dedos, em caso de necessidade.

— Tinta de copiografo, que se encontra à venda nas boas papelerias em tres côres, (violeta, verde e preta) das quais a que dá melhores provas é a primeira.

— Uma parte de gelatina.

— Quatro partes de glicerina.

— Duas partes de água.

— Algumas gotas de um desinfectante, (ácido fénico, ácido acético, ou outros) para evitar que a massa se detriore.

Deita-se no taboleiro a gelatina e água até que esta ultima seja absorvida de todo, depois do que se juntam as quatro partes de glicerina.

Esta mistura aquece-se em lume brando, (até parece uma receita de cosinha...) fundindo-se lentamente, depois do que se deixa arrefecer em repouso.

A massa que assim se faz tem a consistencia e a côr de geleia.

As provas do jornal são escritas com a tinta de copiografo, deixando-se secar.

As gravuras são decalcadas em papel vegetal.

Cuidadosamente estendem-se sobre a massa e com o rolo ou com os dedos exerce-se uma ligeira pressão esfregando durante um minuto, findo o qual se retira a prova.

Está tudo acabado.

As letras ficam estampadas na massa e, pondo as folhas definitivas sobre esta, premindo um pouco, conseguem-se 50 a 100 provas, bastante nitidas, com muita rapidez.

Este processo pode ser empregado em programas, circulares dos vossos clubes, etc., etc.

Para mais detalhes dirijam-se ao vosso amigo.

TIOTÓNIO

Rua d'«O Seculo» 43 — Lisboa

## CORRESPONDENCIA



Meus amigos

Perdoem, caros *sobrinhos*, a minha prolongada ausencia. Motivos contra a minha vontade me impediram de vos atender.

Recomeçando agora, quero dar-lhes algumas indicações no sentido de auxiliar o trabalho de apreciação das vossas produções, que aparecem às centenas e nem sempre veem nas condições.

### HISTORIAS

1.º Não devem ser copiadas.

2.º Não devem ser muito longas, nem de assuntos que não estejam na indole do nosso jornalinho.

3.º Devem ser escritas em folhas soltas de um só lado, separadas das cartas que as acompanham.

4.º Devem trazer bem nitida a idade e nome do autor.

### DESENHOS

1.º Não devem ser copiados, pois que os originais, posto que mais mal feitos, tem muito mais valor.

2.º Devem ser feitos em papel branco, sem linhas, a tinta da China, n'um traço firme.

3.º Devem trazer, como as historias, bem nitida a idade e nome do autor.

Quaiquer outros assuntos, tambem se devem cingir ás observações acima expostas.

Tenham em vista que o jornal, tem quatro folhas e só pode publicar assuntos que, nteressem, senão a todos, pelo menos à maioria dos seus leitores.

Ficamos entendidos não é assim?

Vosso paciente

TIOTÓNIO

Rua d'«O Seculo» 43 — Lisboa

# Zica e os trovões

Por Maria Tereza de Oliveira (Mathé)

::: Desenho de Eduardo Malta :::

COM a face encostada  
À vidraça,  
Muito baça,  
Completamente alheada  
De tudo que a rodeava,  
Zica fitava.  
Atentamente,  
A chuvinha  
Miudinha  
E persistente,  
Que, cansada,  
Se escoava  
Pelas pedras da calçada...

Mas, súbito, o clarão  
Dum relâmpago, brilhante  
E penetrante,  
Arrancou-a  
Daquela estranha abstração!  
E o ribombo dum trovão  
—Que não se fez esperar—  
Assustou-a  
Tanto  
E tanto,  
Que começou a chorar...



—Que dia tão infeliz!  
Nem me apetece brincar!  
Ih! Ih! Ih!... Que mal eu fiz,  
Para o Pai do Ceu ralhar?...

E a resposta do Senhor  
Foi um trovão,  
Ribombão.  
Mui prolongado  
E sonoro como um sino,  
Que deixou mais assustado  
Seu coração  
Pequenino!

Então a Ziquinha,  
Com o coração  
A tremer  
De susto e de comoção,  
Ajoelhou na caminha  
Religiosamente...  
E olhando, atentamente,  
Para a imagem do Senhor  
Pôs-se a dizer  
Com fervor  
Esta oração:

«Jesus, porque estás zangado?  
Porque ralha tanto o vento?  
Será por eu ter pecado  
Que o Ceu está baço, cinzento?...

Da chuva que tem caído,  
A rua parece um rio!  
Das aves não se ouve o ruído...  
Estão a tremer de frio!»

E, ao atoador ribombo do trovão,  
De novo estremeceu seu coração!

«Dize: é por eu não ser boa,  
Que assim me ralhas, sem dó?

Perdôa, Jesus, perdôa!  
Eu tenho 3 anos só...

Já sei:—foi por ter puxado  
As orelhas ao Tareco,  
Por êle me ter rasgado  
Um vestido do boneco!?

E, ao atoador ribombo do trovão,  
De novo estremeceu seu coração!

«Mas arrependi-me logo  
E fiz-lhe uma grande festa,  
E êle enroscou-se todo,  
Ficou a dormir a sesta...

Foi por ter furtado o doce  
Que estava dentro dum prato?  
Mas, sabes: êle entornou-se;  
Quem o comeu foi o gato!»

E, ao atoador ribombo do trovão,  
De novo estremeceu seu coração!

«Ah! Já sei: esta manhã  
Rebolei-me no sobrado,  
Batendo o pé, com enfado,  
E fiz zangar a Mamã!...

Se é por isso, tens razão,  
Que a Mãezinha é muito boa...  
Não torno mais, isso não!  
Perdôa, Jesus, perdôa!...

Já não se ouvia tão perto o trovão...  
Jesus ia acalmando a tempestade,  
Por ver que nesse tenro coração  
Havia assim tanta sinceridade!

Ziquinha saltou da cama  
E, surpreendida, à janela,

Viu que só restava lama  
Por vestígios da procela...

Já se ouvia cantar o rouxinol,  
O Ceu era outra vez azul!  
E o lindo Sol,  
Rompendo as nuvens de túle,  
Ia apar'cendo  
E enchendo  
De luz e de alegria  
O fim daquele dia!

Meus meninos:  
Quando o Senhor está zangado,  
Irritado,  
Com os entes pequeninos  
Que fazem feias acções,  
Reprende-os com trovões,  
E o tempo, então,  
Fica tristonho...  
O vento uivando, medonho,  
Imita a voz do Papão!  
A chuva, caindo  
E tinindo  
Nos vidros das janelas,  
Torna mudos, boqueabertos,  
Os meninos mais espertos  
Ou tagarelas,  
Pois faz pensar  
Que estão os Anjos a chorar!

Mas, se os meninos  
Não são rabinos,  
Tem juízo,  
Então Jesus  
Não quer tristeza  
Enche de luz a Natureza,  
Com o lindo Sol... que é o Seu Sorriso!